

## DESIGN ONTEM E HOJE: UMA BREVE ANÁLISE SOBRE AS DIVERGÊNCIAS HISTÓRICAS NO ENSINO SUPERIOR DE DESIGN

VAGNER DUTRA MACIEL; ANA DA ROSA BANDEIRA

*.Universidade Federal de Pelotas – vagnermaciel.des@gmail.com*

*.Universidade Federal de Pelotas – anaband@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Sendo uma resposta à industrialização acelerada que ocorria na Europa, o design surgiu como uma maneira tornar os bens produzidos em série únicos ante seus concorrentes, visando o aumento da sua procura e de suas vendas (CARDOSO, 2011). Na mesma direção, podemos pensar que além de solucionar problemas estéticos, o design se presta a entregar conteúdo racional para a sociedade, como é o caso do mapa do metrô de Londres feito por Henry Beck, que une o uso de cores e formas no plano visual, as referências que fazemos mentalmente com algo já visto, ou seja, utiliza nosso conhecimento prévio a favor do projeto gráfico. (LUPTON, 2020).

Nesta questão, o ensino de design tem papel fundamental, já que é a partir dele que se formam profissionais capacitados e que além de possuírem um apurado senso estético, aprendem a pensar suas peças a partir do plano estratégico. A união da prática e da teoria neste campo da educação nos acompanha desde o princípio, já que as antigas escolas de design Bauhaus, Escola Superior da Forma de Ulm e a Universidade de Tecnologia de Delft, já entendiam que a interdisciplinaridade era um dos pontos chave para a formação de profissionais que conseguissem mesclar ambas as estratégias (SANTOS; FERRARI; MEDOLA; PASCHOARELLI, 2020).

Esta revisão bibliográfica nasce de uma inquietação pessoal, fomentada na disciplina de Teoria e crítica, cadeira obrigatória do curso Design Gráfico - Bacharelado, da Universidade Federal de Pelotas, ministrada pela professora Ana da Rosa Bandeira, que visa estimular o pensamento crítico dos alunos quanto a formação que estão recebendo. Dentro da disciplina, um dos módulos versa sobre a pertinência dos currículos dos cursos superiores na área do design, e após reflexões sobre a teorização do ensino superior de design gráfico, este artigo tem como objetivo geral analisar a estruturação do ensino do design através da história, e também os reflexos que isso acarreta na atualidade. Como objetivos específicos, pretende fomentar discussões acerca das metodologias de ensino de design e também gerar uma revisão crítica sobre a maneira como esta se apresenta na atualidade.

### 2. METODOLOGIA

Para esta pesquisa qualitativa exploratória, realizou-se uma revisão bibliográfica buscando compreender como se estruturou o ensino do design até chegar nos dias atuais, tentando encontrar as ligações presentes entre as metodologias de ensino adotadas por três das maiores escolas de design, engenharia e arquitetura já apresentadas na história mundial, a Bauhaus, a Escola Superior da Forma de Ulm e a Universidade de Tecnologia de Delft, com os moldes atuais do campo.

Através da leitura de textos como CARDOSO, (2011) e LUPTON, (2020), além de artigos de, MOURA, (2020), LONA e BARBOSA, (2020), SANTOS, FERRARI, MEDOLA e PASCHOARELLI, (2020), embasei os dados aqui apresentados.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como disse Rafael Cardoso (2011), a prática do design iniciou sua ascensão pouco depois do começo da Revolução Industrial, atendendo às demandas da indústria com a produção massiva de produtos. Por decorrência disso, levando em consideração que falamos de uma época onde ainda havia muito a se testar e descobrir, e também que o design é uma área que mescla concepção e criação, os nossos primeiros designers passaram a se organizar em grupos, guildas, associações, onde compartilhavam seus conhecimentos e trocavam experiências apoiando-se uns aos outros (MOURA, 2020).

Essa relação que Mônica Moura faz é de grande valia, pois nos mostra de onde se originaram os ideais para a construção das escolas de design, e já nos dá indícios de que design não é algo para se fazer sozinho, o que vai ser corroborado quando formos falar da Escola de Ulm, que sugeria grandemente a produção de trabalhos em grupo dentro da prática projetual.

Outro ponto importante para se debater, é que como todos os profissionais participantes destes grupos de estudos eram profissionais de execução projetual, o aprendizado e a troca se dava de maneira prática e quase certamente sem o apoio de literaturas para embasar. Não muito distante disso, as três escolas aqui citadas, possuíam em sua metodologia o ideal de que no início os estudantes deveriam passar por um semestre único com aulas de artes, desenho, composição entre outras, dando um destaque aqui para a Universidade de Delft, que por ter um apelo mais tecnológico e próximo da pesquisa, inseriu também estudos de matemática e geometria, que se desdobraram em disciplinas como construções geométricas, estudos volumétricos e geometria descritiva dos currículos atuais (LONA, BARBOSA, 2020; SANTOS, FERRARI, MEDOLA, PASCHOARELLI, 2020).

Segundo Santos et al. (2020), a Bauhaus carrega consigo uma grande fama, tendo sido uma das maiores escolas de arte do século XX, devido não só ao seu método inovador de ensino chamado de “curso básico” (CROSS, 1983 apud SANTOS et al, 2020), onde os estudantes desenvolviam suas habilidades manuais, como já foi mencionado, mas também às características estéticas dos materiais lá desenvolvidos que perduram até hoje.

Moura (2020) nos diz que o design tem um papel político e social importante, e isso não pode deixar de ser observado para a formação dos currículos no ensino de design. A Bauhaus, por exemplo, surgiu na Alemanha no período pós-primeira guerra, e este fato foi importantíssimo para a construção metodológica do ensino na escola (SANTOS, et al., 2020). Há que se notar também, que é plausível dividir a Bauhaus em três períodos (WICK, 1982, apud SANTOS et al, 2020), onde o primeiro, a fundação (1919 - 1923) é embasado em um ensino que une a arte com a tecnologia, o segundo, a consolidação (1923 - 1928) que trouxe a construção de protótipo e a preocupação com a funcionalidade das peças e o terceiro, a desintegração (1928 - 1933) defendia o design e a arquitetura através do olhar do povo.

Tanto para o ensino quanto para a produção, a Bauhaus foi inovadora, trazendo uma metodologia onde os alunos aprendiam através da prática projetual,

unindo a reflexão crítica, com a prática projetual mais direta. Atualmente, na cidade de Pelotas, podemos observar as influências desta metodologia na Escola de Design do Instituto Federal Sul-rio-grandense - Campus Pelotas.

Idealizada e dirigida por um aluno egresso da Bauhaus, a Escola Superior da Forma de Ulm teve grande importância após a Segunda Guerra. Esta escola teve em sua base muito do que foi desenvolvido em sua antecessora, como o curso básico, por exemplo, mas agora buscava aliar isto ao desenvolvimento da personalidade do aluno, calcada em seu meio cultural. Aqui, quatro eixos norteavam os estudantes: 1) arquitetura, 2) criação de objetos, 3) criação visual e 4) informação; (SANT'ANNA, 2012 apud SANTOS et al, 2020).

Com o passar do tempo, os ideais desta escola foram aos poucos se afastando de sua metodologia mãe e foram se encaminhando para um lado mais tecnológico e científico. Os alunos seguiam aprendendo como expressar e representar suas ideias e criatividade, mas agora passaram a contar também com estudos de geometria e matemática, além da inserção de um processo de criação com metodologia de design, trazendo, segundo (BÜRDEK 2010, p.50, apud SANTOS et al. 2020), “[...] uma sistemática de problematização, análises e escolhas de alternativas amplamente utilizadas até hoje. ”

Além de contribuir para uma maior popularização do design devido à sua aproximação com a indústria (SANTOS, et al. 2020), os alunos egressos desta escola influenciaram também a formação dos cursos de design no Brasil, à exemplo a ESDI (Escola Superior de Desenho Industrial), no Rio de Janeiro (MOURA, 2020).

A Universidade de Tecnologia de Delft (TU Delft), originou-se a partir de um instituto de engenharia, o que obviamente conferiu a ela uma característica mais técnica. Entretanto, após diversas mudanças que ocorreram desde sua formação, o governo chamou uma série de personalidades do design para formular um novo plano de ensino. Com isso, a “Engenharia de Desenho Industrial” (SANTOS, et al. 2020), cuidou de formar engenheiros capazes de resolver problemas de design criados pela indústria.

É preciso salientar, que a ponte feita entre a teoria e a prática tiveram grande importância nas aulas ministradas na TU Delft, fazendo com que todos os projetos fossem ministrados por dois professores de áreas diferentes, tentando de alguma maneira unir os conhecimentos a favor do produto. Além disso, eles também acreditavam na famosa frase “Duas cabeças pensam melhor do que uma”, ou seja, entendiam que os projetos de design deveriam ser feitos de maneira colaborativa para que, segundo (Qu et al. 2020, apud SANTOS et al. 2020) os alunos aprendam a cooperar e se comunicar. Para complementar isto, devido à sua estreita relação com a indústria, os projetos finais eram desenvolvidos em fábricas sob a orientação de equipes interdisciplinares, afim de interligar conhecimentos (VOÛTE et al. 2020 apud SANTOS et al. 2020).

Sendo assim, podemos observar que desde a formação das guildas até os dias atuais, o design carrega consigo dois pilares: a interdisciplinaridade, definida por (PIAGET 1973 p.54, APUD SANTOS et al.2020) como o “[...] intercâmbio recíproco entre as partes a fim de gerar enriquecimento mútuo. ”, e o trabalho em grupo, onde é gerado um intercâmbio cultural entre os alunos e professores, entendendo que cada pessoa possui uma visão de mundo.

#### 4. CONCLUSÕES

De fato, o contexto socioeconômico e político influi diretamente na formulação do currículo das escolas de design, fazendo com que os caminhos

escolhidos direcionem para as necessidades da população, das indústrias e também dos próprios designers para o seu campo. Pensar design, é pensar política, cultura, arte, estética, filosofia, criticidade, metodologia e mais uma série de palavras que eu poderia citar aqui.

Contudo, análises como essa se fazem necessárias em um campo regido majoritariamente por graduações a nível de bacharelado, onde as discussões sobre educação não são abordadas, ficando reservadas apenas para a pós-graduação, onde nem todos chegam, principalmente no campo do design, já que temos em grande maioria profissionais de nível técnico, e não de conceituação. É válido lembrar também, que atualmente no Brasil, não é exigida a formação para que se possa atuar como designer, permitindo que profissionais não capacitados, levando o termo ao pé da letra, atuem nessa área.

O atual cenário político brasileiro repercute em um grande esvaziamento das universidades, principalmente por questões ideológicas. Mas levando em consideração áreas como o design em universidades como a UFPel, que vem caminhando para uma metodologia que visa principalmente o desenvolvimento crítico dos alunos, há que se considerar que

[...] o ensino do design deve ser adequado aos novos desafios encontrados pelos designers na atualidade, buscando contribuir para a produção científica [...] e capacitar profissionais, criativos, articulados e de espírito crítico (ANGÉLICO e OLIVEIRA, 2017 p.55, apud SANTOS et al. 2020).

Este poderia ser um dos motivos para a não adesão aos cursos, uma vez que o período pós-pandêmico fez com que muitas pessoas abandonassem os estudos para ingressar no mercado de trabalho, buscando uma maneira rápida de conseguir dinheiro.

Por fim, é visível que o design é uma área técnica e de produção, obviamente com uma responsabilidade crítica e social, que deve ser trabalhada de maneira equivalente aos preceitos práticos. Tanto o senso crítico, quanto a metodologia prática devem estar em comum acordo para que se formem profissionais capacitados para o mercado de trabalho.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, R. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

LUPTON, E. **O design como storytelling**. São Paulo: Olhares, 2020 2v

LONA, M.T.; BARBOSA, A.M. O ensino de design no Brasil: Formações das escolas, diretrizes curriculares nacionais e ENADE. **DATJournal**, v.5, n.2, p. 53-75, 2020

MOURA, M. História do ensino do design. **DATJournal**, v.5, n.2, p. 76-102, 2020

SANTOS, A.D.P.; FERRARI, A. L. M.; MEDOLA, F.O. Ensino de design: O contexto social e as mudanças pedagógicas. **Tríades**, v.9, n.2, p. 45-58, 2020.